

LIÇÕES DA CRISE PARA O SETOR FLORESTAL BRASILEIRO

Sebastião Renato Valverde¹

Meus alunos me questionam sobre os efeitos da atual crise financeira no desenvolvimento do setor florestal brasileiro e como ficaria agora o futuro deles já que, até então, estava tudo bem. Como professor e otimista que sou, procuro deixar claro que esta é mais uma das “n” crises que este país já enfrentou nas últimas quatro décadas que pude vivenciar. Tento sempre mantê-los serenos e motivados para não se abaterem diante dela, não deixar de acreditar no ideal de cada um, pois como as demais, vamos superá-la.

O setor florestal está vacinado contra crise e o Brasil mais ainda. Esclareço que muito dos exageros faz parte do jogo midiático, mas que devem filtrar e não se abater, apenas se precaver e nunca deixar de olhar para o futuro e nem de prosperar. Falo sempre que o Brasil precisa do potencial de cada um deles para vencer não só as crises, mas também os preconceitos, a ignorância e o tecnocracismo que não perdem oportunidade de criar dificuldades ambientais, trabalhistas e judiciais para o avanço social e econômico deste país, ou seja, de prejudicar o futuro deles.

Temos muitos anos de atraso por conta disso e cabe a eles também desvencilhar-se disso, modernizar-se e colocar este País no lugar que merece. É uma questão de tempo, confio neles e eu estarei vivo quando este não será mais um País em eterno desenvolvimento.

Crise é crise, a própria palavra já diz e ninguém vai achar que é bom, mas isto não nos impossibilita de ver o lado bom dela e é sobre isso que eu gostaria de me ater nesta matéria. Lamentavelmente a mídia explora muito as crises, retroalimentando-as. Dificilmente há espaço nela para alguém com um discurso moderado. Para ela quanto pior, melhor. Infelizmente, não sei até quando a mídia vai insistir nesta tecla, imaginando que só vai ter lucro

¹ Professor Associado e membro do Pólo de Excelência Florestal do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG. valverde@ufv.br.

vendendo o caos. Triste é que o povo leigo e os muito letrados acabam sendo influenciados pelo sensacionalismo midiático, recrudescendo ainda mais o que já não está legal. Ainda bem que temos a tão democrática internet para termos acesso a todo tipo de opinião. E viva a internet.

Creio que muita gente vai se decepcionar apostando nesta crise, pois os efeitos dela não vão ser tão catastróficos quanto se projetam. Chegam ao absurdo de compará-la com o *crash* de 1929. Meus amigos, nosso sistema financeiro atual, mesmo sujeito aos riscos dos derivativos e de sua alavancagem, é muito mais seguro, possui dispositivos de proteção que há quase oitenta anos não se tinha. Não precisa delongar muito, lembrem que vivemos no mundo da informação real e instantânea.

Assim, nesta matéria, vou me ater apenas ao que de bom o setor florestal pode aprender e lucrar com ela, até porque sobre os efeitos negativos o Nelson Barbosa Leite (uma pessoa de grande apreço e que admiro muito) já o fez com muita propriedade.

Confesso o meu pouco conhecimento sobre esta crise, seu epicentro, seus culpados (se é que tem), como surgiu, suas conseqüências, enfim, não me sinto confortável para falar especificamente sobre ela, mas confesso também que nem quero, tenho tantas coisas para resolver que não me sobra tempo para me dedicar à ela.

Particularmente, não gosto dessa conversa de crise, pois daí vem aquele papo de "...tem que economizar, tem que poupar, estamos atravessando uma crise...". Fico constrangido, pois não tenho dinheiro nem para as despesas corriqueiras, muito menos sobrando para poupar, e que esta conversa de que tem que juntar dinheiro não dá para mim, por que além de não ter o que juntar, tem o fato de que não a esparramei.

É lógico que não tem como esconder que estamos vivendo uma crise, mas não necessariamente temos que agir em crise. Sei que para as empresas florestais não está sendo uma boa enquanto a demanda por seus produtos caem no mercado e seus lucros já não são mais suficiente para manter o ritmo de investimento no reflorestamento como até recentemente. Se eu sirvo para

dar algum conselho, minha palavra de consolo é paciência. Esta, como todas as outras, passa e tudo volta como antes.

Uma coisa é negar a crise, a outra é o absurdo de achar que esta vai jogar por água abaixo todas as expectativas com os investimentos florestais já realizados. Tenho mais preocupação com a “burrocracia” estatal, os tecnocratas de plantão e as pseudo-ongs ambientalistas e socialistas que lucram às burras com dinheiro que ninguém sabe e nem tem acesso à origem, do que com a própria crise. Pelo menos o efeito de uma crise é generalizado, passa, não exige atestado e nem certificado.

Sabemos que esta se originou com o alto risco da inadimplência dos financiamentos habitacionais nos EUA e está se disseminando para todo sistema financeiro mundial, principalmente Europa e Japão. Não resta dúvida que ela reflete no mundo todo, mas temos que lembrar que os países (BRICs) que têm impulsionado a locomotiva global são os mais populosos e que estão em franca expansão econômica e social, que estão bem internamente, consumindo uma barbaridade, depois de viverem historicamente com uma demanda reprimida. Estão com uma conjuntura macro e micro-econômica consolidada (relação Dívida/PIB baixa, reserva confortável, credibilidade internacional, inflação e juros em queda, etc) e diversificaram sua pauta de exportação e seus parceiros comerciais.

Se a crise tivesse ocorrido nos trintas anos que amargamos uma recessão no país, até aceitava, mas agora não. O Brasil hoje possui uma economia interna mais expressiva, não dependendo tanto das exportações quanto antes. Se antes nosso quase único parceiro comercial era os EUA, hoje não. Diversificamos nossas exportações para os países da Ásia, Oriente Médio e África, onde está ocorrendo crescimento substancial.

Nada de catastrofismo, pois ninguém vai parar de comer e gastar. Haverá sempre demanda e conseqüentemente produção, emprego, renda, impostos e investimentos. Lembrem que estamos à véspera do natal, período de demanda aquecida. Então, se vamos sentir os efeitos desta crise, provavelmente só a partir de janeiro ou fevereiro, mas logo depois da Páscoa

ela já se dissipou. Mas, só para lembrá-los, no Brasil tudo funciona mesmo é depois do feriado da Semana Santa.

A gente só ouve falar das coisas ruins, esquecem que o dólar subiu de R\$1,60 para acima de R\$2,00, chegando a superar a marca de R\$2,40. Ninguém fala que as exportações serão valorizadas em dólares. Tudo bem que a quantidade exportada e os preços em Real podem reduzir. Daí a pergunta, será que esta valorização do dólar não compensará na íntegra ou em parte tais perdas? Só não me peçam para responder isto porque eu não estou tendo a menor condição para tal, até por que tem muitos economistas e figurões que são bem pagos para isso.

Além disso, será que eu preciso lembrar a alguém que nosso projeto florestal é de longo prazo? A grande maioria das pessoas que investiram em reflorestamento no momento de maior "*boom*", fez isso de quatro anos para cá, com isto estes projetos ainda não maturaram, ou seja, ninguém está colhendo neste momento. Quando forem colher, não tenho a menor dúvida de que a crise já se foi. Se para estes, ela não vai afetar, muito menos para quem ainda vai investir.

Pensem no lado bom da crise. O otimista verá sempre oportunidade nas ameaças e o pessimista ameaça nas oportunidades. O cidadão comum vê oportunidades nas oportunidades e ameaças nas ameaças. A opção de que tipo de investidor você, caro leitor, quer ser é só sua. O cidadão comum, avesso a riscos, vai mexer com seu gadinho de leite que não dá nem para o gasto ou guardar o pouco que sobra na poupança. O arrojado, este sim, continuará plantando florestas.

Cá entre nós, vamos deixar esta preocupação dos efeitos da crise para estes que estão investindo em culturas de curto prazo como a cana de açúcar, ou os que ainda acham que investir em pinhão manso, ou naquelas espécies florestais, fruto de um marketing brutal, como se fosse a panacéia de tudo, espécies que ninguém nunca viu, nunca vendeu nem comprou, não sabem qual é o mercado nem qual é o preço. Mas, os nossos projetos florestais, principalmente eucaliptos e pinus, têm mais propriedade para driblar a crise,

dado que eles são de longo prazo, têm preço e mercado e são flexíveis à possibilidade de se manejar de acordo com as condições do mercado.

Assim, o que vai acontecer é um processo natural de seleção dos agentes econômicos interessados no projeto florestal. Isto é até bom, pois muita gente que não deveria participar deste mercado vai ser eliminada agora. Com a saída deles, esperamos que todas as consequências das especulações que surgiram no último ano com o ímpeto dos investimentos florestais possam se arrefecer. Acredito que o valor das terras caia para padrões reais e os preços dos fertilizantes reduzam para próximo dos patamares históricos. Acredito que isto vai ocorrer até por conta da própria crise que fez recuar o preço do petróleo, pois ninguém mais esperava que caísse abaixo da casa dos US\$100 por barril. Espera-se uma redução no valor de quase todos os insumos florestais, inclusive mudas.

Então, você que está interessado em investir em reflorestamento e para aqueles que estão prontos para investir, que já venceram a "burrocracia" e seus "burrocratas" com toda a parafernália do processo de licenciamento, os preconceitos dos que se opõem aos reflorestamentos, agora na hora de executar o projeto, vão desistir? Vão abandonar o barco por conta de uma tal de crise? DANE-SE A CRISE.